



Crenças e atitudes linguísticas acerca de aí e então - uma perspectiva pedagógica

Autoria: Marília Silva Vieira - - -

Resumo: Partindo dos princípios da gramaticalização (Givón, 1995), será discutida a percepção dos alunos de duas escolas estaduais do sudoeste goiano acerca dos termos aí e então. Enquanto o segundo tem sido ensinado, anos a fio, como conjunção conclusiva, ao primeiro tem sido negado o reconhecimento de sua função sequenciadora. Uma visão funcionalista acerca dos itens estudados (Hopper & Traugott, 1993) permite explicar que, como sequenciadores discursivos de causalidade, ao mesmo tempo em que interliga sequências discursivas, aí estabelece nexos semânticos entre elas, guiando a interpretação do ouvinte: “eu não sou muito bom no português aí eu vou falar uma palavra... às vezes eu penso”. Logo, defende-se que tal item se atualiza no discurso (Beaugrande & Dressler, 1981) e de que a noção de continuidade por ele veiculada não reside apenas nele mesmo, mas na conjuntura resultante da estrutura linguística e do contexto situacional. Com base em tal problemática, será aplicado um teste de percepção a alunos de nono ano do ensino fundamental de duas escolas, uma na zona urbana e outra na zona rural, a fim de observar possíveis divergências em relação às crenças e atitudes linguísticas de tais discentes quanto aos sequenciadores estudados. Para o teste proposto, serão extraídos dois trechos de entrevistas realizadas na cidade de Quirinópolis, Goiás, com pessoas nativas do local. Um dos excertos será caracterizado pelo uso de aí e o outro, pelo uso de então. Os trechos serão exibidos em sala de aula e os alunos responderão um teste em que atribuirão notas de 1 a 5 para o informante de cada áudio, de acordo com critérios como inteligente, simpático, boa pessoa, entre outros. A hipótese é de que aí, por ser uma forma condenada na modalidade escrita da língua enquanto sequenciadora, receberia avaliação mais negativa que então.